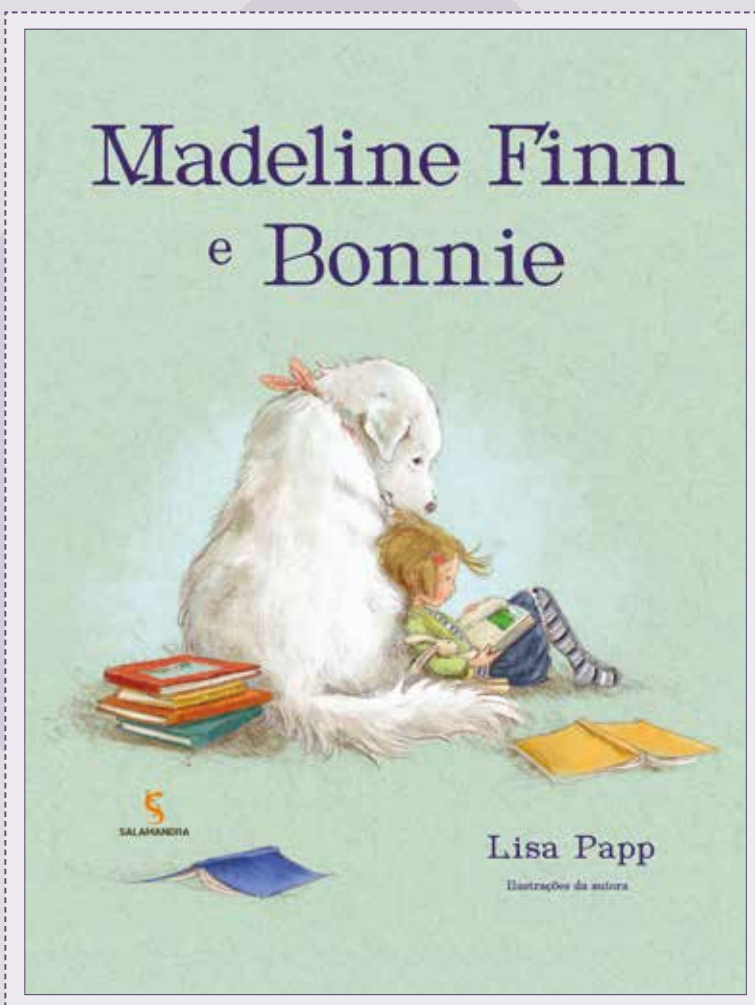


*Material de apoio ao professor*  
Contextualização da obra

# Madeline Finn e Bonnie

Lisa Papp  
Ilustrações da autora

Organização pedagógica **Maria José Nóbrega**



## De Leitores e Asas

Maria José Nóbrega

“Andorinha no coqueiro,  
Sabiá na beira-mar,  
Andorinha vai e volta,  
Meu amor não quer voltar.”

Numa primeira dimensão, ler pode ser entendido como decifrar o escrito, isto é, compreender o que letras e outros sinais gráficos representam. Sem dúvida, boa parte das atividades que são realizadas com as crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental tem como finalidade desenvolver essa capacidade.

Ingenuamente, muitos pensam que, uma vez que a criança tenha fluência para decifrar os sinais da escrita, pode ler sozinha, pois os sentidos estariam lá, no texto, bastando colhê-los.

Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a dizer em que lugar estão a andorinha e o sabiá; qual dos dois pássaros vai e volta e quem não quer voltar. Mas será que a resposta a essas questões bastaria para assegurar que a trova foi compreendida? Certamente não. A compreensão vai depender, também, e muito, do que o leitor já souber sobre pássaros e amores.

Isso porque muitos dos sentidos que depreendemos ao ler derivam de complexas operações cognitivas para produzir inferências. Lemos o que está nos intervalos entre as palavras, nas entrelinhas, lemos, portanto, o que não está escrito. É como se o texto apresentasse lacunas que deveriam ser preenchidas pelo trabalho do leitor.

Se retornarmos à trova acima, descobriremos um “eu” que associa pássaros à pessoa amada. Ele sabe o lugar em que estão a andorinha e o sabiá; observa que as andorinhas migram, “vão e voltam”, mas, diferentemente destas, seu amor foi e não voltou.

Apesar de não estar explícita, percebemos a comparação entre a andorinha e a pessoa amada: ambas partiram em um dado momento. Apesar de também não estar explícita, percebemos a oposição entre elas: a andorinha retorna, mas a pessoa amada “não quer voltar”. Se todos esses elementos que podem ser deduzidos pelo trabalho do leitor estivessem explícitos, o texto ficaria mais ou menos assim:

*Sei que a andorinha está no coqueiro,  
e que o sabiá está na beira-mar.  
Observo que a andorinha vai e volta,  
mas não sei onde está meu amor que partiu e não quer voltar.*

O assunto da trova é o relacionamento amoroso, a dor de cotovelo pelo abandono e, dependendo da experiência prévia que tivermos a respeito do assunto, quer seja esta vivida pessoalmente ou “vivida” por meio da ficção, diferentes emoções podem ser ativadas: alívio por estarmos próximos de quem amamos, cumplicidade por estarmos distantes de quem amamos, desilusão por não acreditarmos mais no amor, esperança de encontrar alguém diferente...

Quem produz ou lê um texto o faz a partir de um certo lugar, como diz Leonardo Boff\*, a partir de onde estão seus pés e do que veem seus olhos. Os horizontes de quem escreve e os de quem lê podem estar mais ou menos próximos, assim como os horizontes de um leitor e os de outro. As leituras produzem interpretações que produzem avaliações que revelam posições: pode-se ou não concordar com o quadro de valores sustentados ou sugeridos pelo texto.

Se refletirmos a respeito do último verso “meu amor não quer voltar”, podemos indagar, legitimamente, sem nenhuma esperança de encontrar a resposta no texto: por que ele ou ela não “quer” voltar? Repare que não é “não pode” que está escrito, é “não quer”, isto quer dizer que poderia, mas não quer voltar. O que teria provocado a separação? O amor acabou? Apaixonou-se por outra ou outro? Outros projetos de vida foram mais fortes que o amor: os estudos, a carreira etc.? O “eu” é muito possessivo e gosta de controlar os passos dele ou dela, como controla os da andorinha e do sabiá?

Quem é esse que se diz “eu”? Se imaginarmos um “eu” masculino, por exemplo, poderíamos, num tom machista, sustentar que mulher tem de ser mesmo conduzida com rédea curta, porque senão voa; num tom feminista, poderíamos dizer que a mulher fez muito bem em abandonar alguém tão controlador. Está instalada a polêmica das muitas vozes que circulam nas práticas sociais...

Se levamos alguns anos para aprender a decifrar o escrito com autonomia, ler na dimensão que descrevemos é uma aprendizagem que não se esgota nunca, pois para alguns textos seremos sempre leitores iniciantes.

\* “Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam.” *A águia e a galinha: uma metáfora da condição humana*. 37ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

## Um pouco sobre Lisa Papp, a autora e ilustradora de *Madeline Finn e Bonnie*

ARQUIVO PESSOAL



Lisa Papp cresceu contando histórias. Seus primeiros contos, registrados num caderno cheio de desenhos, tinham como personagens principais seu gato, animais de pelúcia e outras figuras associadas à natureza.

Atualmente, Lisa continua inventando histórias e desenhando, mas elas aparecem nas páginas de livros para crianças. Quando não está em seu estúdio, ela pode ser encontrada no jardim, conversando com passarinhos, encantando-se com as abelhas e sonhando com a próxima aventura literária.

Lisa vive no condado de Bucks, na Pensilvânia, Estados Unidos, com o marido, Robert, que também é artista. Eles têm três gatos muito criativos, que de vez em quando deixam Lisa ler para eles.

### A obra

Madeline não gosta de ler. Nem livros, nem revistas, nem placas, nada. Ler em voz alta na classe é pior ainda. Às vezes, as palavras se emaranham em sua boca como manteiga de amendoim e seus colegas começam a rir. Ela nunca conseguiu ganhar o adesivo de estrela reservado àqueles que sabem ler bem – só o que consegue é um humilhante adesivo de coração que diz “continue tentando”.

Certo dia, sua mãe decide levá-la à biblioteca pública, onde a bibliotecária propõe algo inusitado: ler para um cachorro; no caso, Bonnie, uma enorme cachorra branca. Encantada com aquele belo animal que parecia um urso-polar, Madeline decide tentar. De início, fica nervosa e as letras se embaralham como sempre. Aos poucos, porém, vai se acalmando e percebe que Bonnie não dá a menor importância quando ela erra. Tem toda a paciência do mundo – segue olhando para a menina com olhos fundos, deixa que lhe faça carinho. E, assim, Madeline e Bonnie começam a ler juntas todos os sábados.

Quando chega o dia em que Madeline precisa ler para a classe, ela respira fundo, pensa em Bonnie e, apesar de tropeçar numa ou noutra palavra, consegue chegar até o final da página. E, finalmente, ela ganha seu primeiro adesivo de estrela.

### Comentários sobre a obra

Nesse singelo e delicado conto escrito em primeira pessoa, acompanhamos os pequenos tormentos da jornada de uma menina que está aprendendo a ler. Deparar-se com a própria dificuldade diante do riso e do julgamento dos colegas faz com que Madeline, a princípio, veja o ato de leitura como algo desagradável, tenso, antipático, fora do seu alcance. A experiência de ler para um animal, porém, que a escuta com entrega e calma, sem dar importância a seus erros, faz com que o ato de ler ganhe outras dimensões, associando-se ao aconchego e ao afeto. A vulnerabilidade compartilhada com Bonnie permite que Madeline vá ganhando confiança, tornando-se até mesmo capaz de enfrentar uma situação de exposição em plena sala de aula, ao final da história.

### Quadro-síntese

**Gênero:** Conto.

**Componentes curriculares:** Língua Portuguesa, Ciências, Geografia.

**Tema contemporâneo:** Vida familiar e social.

**Público-alvo:** 1º ao 3º ano do Ensino Fundamental.